Vittorio Pastelli

Comentários breves sobre dez obras de Roberto Bolaño

2666
Os Detetives Selvagens
Noturno do Chile
Amuleto
Una Novelita Lumpen
Estrela Distante
El Tercer Reich
A Pista de Gelo
La Literatura Nazi en América
Monsieur Pain

Vittorio Pastelli

Comentários breves sobre dez obras de Roberto Bolaño

2666

Os Detetives Selvagens

Noturno do Chile

Amuleto

Una Novelita Lumpen

Estrela Distante

El Tercer Reich

A Pista de Gelo

La Literatura Nazi en América

Monsieur Pain

2020

Nota introdutória

O que segue são notas de leitura que pressupõem conhecimento das obras, pois quase não há fichamento. O que julgo ser novidade é o uso de gráficos para entender a estrutura de dois dos livros abordados: "2666" e "Os Detetives Selvagens". Ainda que gráficos e tabelas sejam amplamente usados por escritores em seu processo de produção, raramente aparecem na crítica. Quando terminei a leitura desses livros e comecei a tentar entender história, narração e estrutura, essas figuras foram de grande ajuda. Quem sabe sirvam para mais alguém.

VP

2020

2666

Cada um dos capítulos exibe estrutura simples:
1. Quatro críticos literários (Norton, Pelletier, Espinosa e Morini), de diferentes nacionalidades europeias, interessam-se pelo obscuro autor Benno von Archimboldi. Conhecem-se, seguem carreiras próximas, são amantes e, quando existe a possibilidade de esse autor recluso ser indicado ao prêmio Nobel, pensam que seria muito interessante eles o acharem e ele se tornar ainda mais 'objeto acadêmico seu' do que já é, um movimento normal no meio universitário. Seguindo uma pista meio equívoca, vão para o norte do México, para o Estado de Sonora. A busca não resulta em nada.

2. Um dos professores da Universidade de Santa Teresa (em Sonora) recebe os críticos. Mas não é dessa visita de que trata o capítulo. O centro é esse professor e sua vida de intelectual extraviado da Europa para o México, pai solteiro de uma adolescente, nascida de uma relação complicada com uma moça que enlouqueceu. Amalfitano não é especialista em Archimboldi, nem se interessa muito por isso. O capítulo mostra sua solidão em Santa Teresa e o quanto para ele a vida lá não tem sentido. É um duchampiano, fazedor de experimentos.

3. Um jornalista negro norteamericano, especializado em cultura negra, vai cobrir uma luta de boxe em Santa Teresa e fica sabendo dos muitos assassinatos na região. Conhece a filha do protagonista do segundo capítulo, que pede que ele a tire daquela cidade ao mesmo tempo modorrenta e mortal.

4. O capítulo mais extenso e o mais elaborado do livro. O 'container' é uma série de narrativas policiais cruas sobre mulheres encontradas assassinadas em Santa Teresa. Os dados, apresentados como relatórios de legista, informam características físicas da vítima, o local e as condições do encontro, os indícios que poderiam apontar um suspeito &c. Esses parágrafos, de 30 a 50 linhas, são entremeados de todo tipo de histórias (Bolaño é ótimo autor de narrações curtas):

- o policial aplicado que tem um caso com a diretora do hospício de Santa Teresa;
- uma política que acredita que sua amiga de infância foi morta por traficantes que atuam na cidade;
- um policial norteamericano que resolve averiguar as coisas por conta própria e desaparece;
- uma vidente que acredita saber que o assassino é o já suspeito de parte dos assassinatos, alemão emigrado, que está preso, por quem sua advogada é apaixonada, e que sonha que um gigante virá um dia resgatá-lo.

Tem observações impagáveis, como o fato de um bar-bordel chamar-se "Assuntos internos". (Uma observação a respeito da "voz do narrador": às vezes, um narrador-personagem ele deve narrar a história de seu jeito, que não é o do autor real, no caso, Bolaño. Em um lugar medíocre como Santa Teresa, quem teria uma ideia assim para o nome de bordel? Só alguém inteligente como o autor e, neste caso, o nome do lugar é uma aparição do autor no meio do tecido do

narrador-personagem, o que é pecado literário.) Na figura mais adiante, os nomes se referem a personagens dessas historiazinhas dispersas entre os laudos policiais.

5. Conta a história tortuosa e obscura de Archimboldi e a de sua família, em especial de sua irmã Lotte, cujo filho, Hans, é o alemão detido no México, inculpado por parte dos crimes em Santa Teresa. Ao fim do capítulo, acompanhamos Archimboldi, que vai tentar fazer algo pelo sobrinho (e não neto, como está na figura na figura).

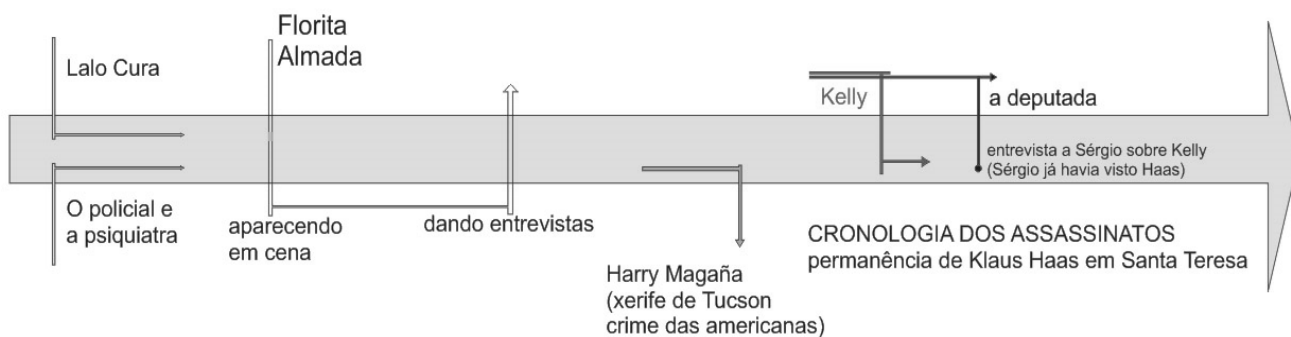
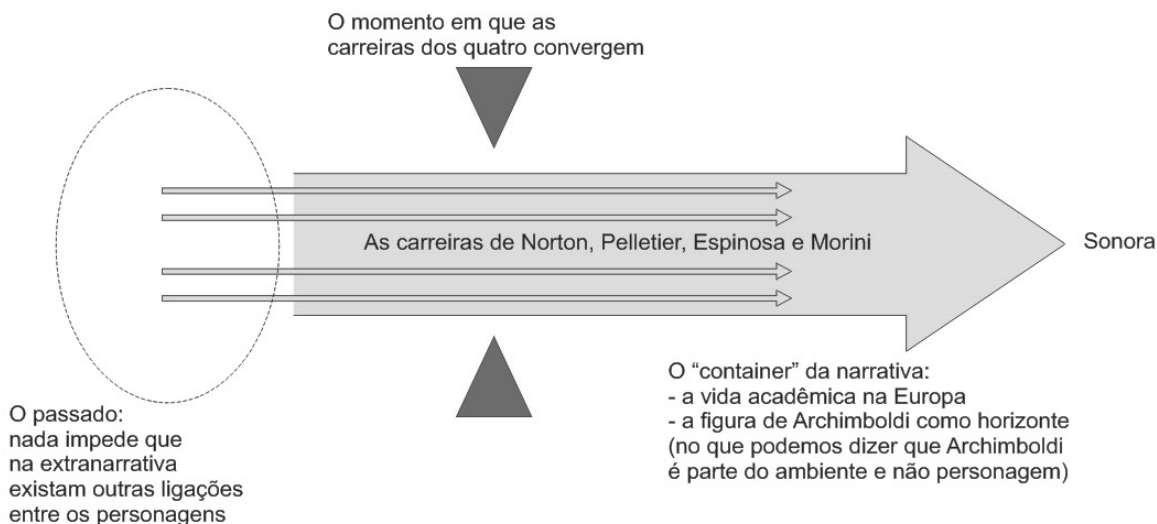
Os cinco capítulos, na ordem em que estão, têm o suficiente de referências cruzadas para que a leitura do último feche o grosso dos claros dos primeiros. Porém, de fato, só mesmo o capítulo 4, o dos crimes, é o central. Assim, temos dois centros: Santa Teresa, físico, e Archimboldi, personagem. Um terceiro centro, oculto, é o conjunto de sonhos de Hans (o acusado dos crimes), de Lotte (a irmã de Archimboldi) e as teorias que os críticos fazem sobre o escritor. Esse "Espírito Santo" é o que mantém juntos os dois centros, o geográfico e o pessoal.

Se lêssemos primeiro o capítulo 5 e depois o 4, teríamos algo mais linear. Depois do 4, tanto faz o que lêssemos em seguida e tudo soaria como complementos desse núcleo. Quanto aos capítulos 2 e 3, creio mesmo que são apostos, são coisas que situam Santa Teresa como um deserto para o qual convergem pessoas sem intenção de ir e, uma vez lá, sem vontade de ficar. Assim como o grosso da produção da cidade, o resultado das 'maquiladoras', é uma chicana com o que se

chama verdadeiramente de produção, as vidas das pessoas que convergem para lá são de certa forma chicanas de vidas que chamaríamos de racionalmente decididas, ou pelo menos em parte racional e intencionalmente dirigidas.

É muito difícil dizer em que ordem Bolaño teria escrito os capítulos; provavelmente tenha começado pelo 4, sobre os crimes, o grande achado narrativo do conjunto e, depois, desenvolvido seu personagem, em 5. Daí apresentou obliquamente esses dois pontos em 1 e usou os capítulos 2 e 3 como acessórios para definição do local central, Sonora, e para a falta de direção na vida das pessoas todas. Talvez seja por isso que podemos sentir alguns pontos em que falta acabamento, menos no 4. Talvez a ordem possa ter sido 4, 5, 1, 2, 3 e, feito isso, uma reelaboração do 5, para que as referências cruzadas ficassem mais claras. Aí é que noto algo de como o autor maquinava seu texto. Primeiro, uma estrutura, como os esquemas que tentei fazer aqui. Depois, as derivações. No capítulo 5, a impressão é de que a estrutura estava pronta, mas que ele teria feito mais derivações, mais observação &c.

Eis um quadro de "2666":

O capítulo mais complexo e que constitui o centro tanto geográfico como de ação do livro, o atrator geral, é o quatro, cuja estrutura muito simplificada é:

Para ele é que converge o capítulo 1, sendo o 2 e o 3 realmente paralelos:

Uma vez que o livro é muito extenso e sabemos de antemão que é inacabado, anoto dados brutos que podem ou não vir a ser relevantes para uma releitura.

O oásis de horror em um deserto de tédio, citado na epígrafe, é Santa Teresa, aliás Ciudad Juárez, onde a mortandade (real) de mulheres desde 1993 é elevada.

Anotações:

A. Os críticos do primeiro capítulo (na verdade, os protagonistas explícitos, pois o implícito é sempre o fugidio Benno von Archimboldi):

Pelletier (n. em 1961)
Morini (n. em 1956)

Espinosa (n. em 1963)

Norton (n. em 1968)

Amalfitano (n. em 1951) (este é incidente no primeiro e protagonista do segundo)

B. Os livros de Benno von Archimboldi (aliás Hans Reichter, nascido em 1920):

* os números entre parênteses referem-se à ordem de publicação na carreira do autor e também à ordem em que aparecem na narrativa.

Lüdicke (1) - aparentemente desconhecido dos críticos do capítulo 1

A Rosa Ilimitada (2) - mitologia e investigação policial

A Máscara de Couro (3)

Rios da Europa (4) - basicamente o Dnieper

Bifurcaria Bifurcata (5) - algas

Herança (6)

São Tomás (7) - biografia

A Cega (8) - que não é cega e em que existem detetives videntes

Mar Morto - teatro

Leteia (9) - pornográfico

O Vendedor de Loteria (10)

O Pai (11)

O Regresso (12)

Bitzius (sd)

Os Bas-fonds de Berlim (sd)

D´Arsonval (sd) - pode ser sobre o inventor francês Jacques-Arsène d'Arsonval

O Tesouro de Mitzi (sd)

O Jardim (sd)
A Perfeição Ferroviária (sd)
O Rei da Selva (sd) - comprado por acaso pela irmã, Lotte, que se reconhece no texto

Muitos de seus livros são titulados com nomes próprios. Apesar das muitas páginas dedicadas ao autor, aos títulos dos livros e a acontecimentos à época de cada publicação, quase nada ficamos sabendo de seu estilo, salvo quanto a um comentário de Mme. Bubis (sua editora e, saberemos no capítulo final, ex-amante), de que não os lia porque os achava muito enrolados e também salvo um comentário da irmã de Archimboldi, que nota que "O rei da selva" é uma narração da infância do autor e da sua também.

Bolaño pensou no conjunto como uma pentalogia, que seria lançada separadamente e poderia ser lida em qualquer ordem. No entanto, seu editor e os herdeiros consideraram melhor lançar tudo em um volume só.

Os Detetives Selvagens

Assim como feito com "2666", acompanham este ensaio duas figuras. Depois escreverei mais sobre o conteúdo, sobre o quanto Arturo Belano (o protagonista) *é* Bolaño na juventude, sobre as ótimas histórias contadas na parte 2 &c. Diferentemente de "2666", a parte mais longa e elaborada de "Os detetives selvagens" é composta por histórias que correm completamente na perpendicular dos personagens centrais. No outro, as histórias corriam paralelamente, como se o pano de fundo dos assassinatos em Santa Teresa fosse uma espécie de autoestrada, na qual entram e saem veículos o tempo todo. "Os Detetives..." tem estrutura diferente. Na verdade, em termos de 'contar histórias', quase tanto faz, mas creio que essa estrutura de histórias montadas todas em paralelo (não perfeitamente, pois algumas se comunicam, não vamos exagerar na metáfora geométrica) e perpendicularmente aos personagens centrais é mais aberta à possibilidade de desenvolver contos quase independentes. A estrutura de "2666", no entanto, é muito mais difícil de montar.
Quanto ao conteúdo, em grande parte, pelo que é possível saber por outros textos, autobiográfico, lembra um pouco "Um Homem Duplo", de Philip K. Dick: um lamento por uma geração que pagou caro demais por querer fazer diferente. A geração de Belano (e de Bolaño) teve uma infância e adolescência agitadas, ditaduras, vontade de intervir, mas pouca possibilidade de o fazer, revolta, entusiasmo e coragem de se jogar profundamente naquilo em que acredita. Para Bolaño, isso traria a morte dolorosa e precoce, o mesmo para outros, o anonimato e obscuridade temperados nas drogas e nas

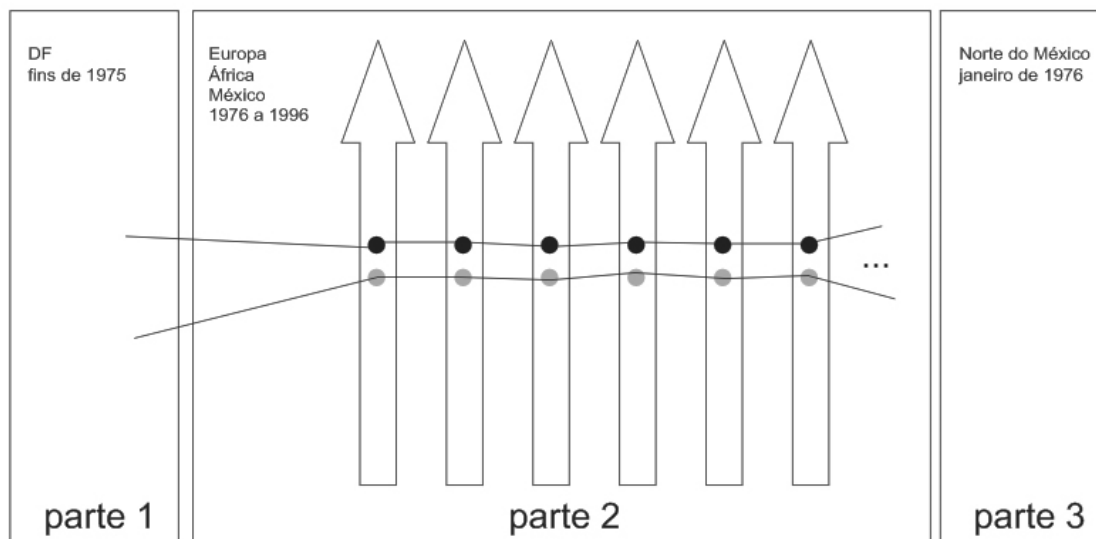
reminiscências inúteis. Neste "Detetives...", o autor de certa forma faz uma celebração, mas uma celebração meio contida ou meio triste, de sua geração.

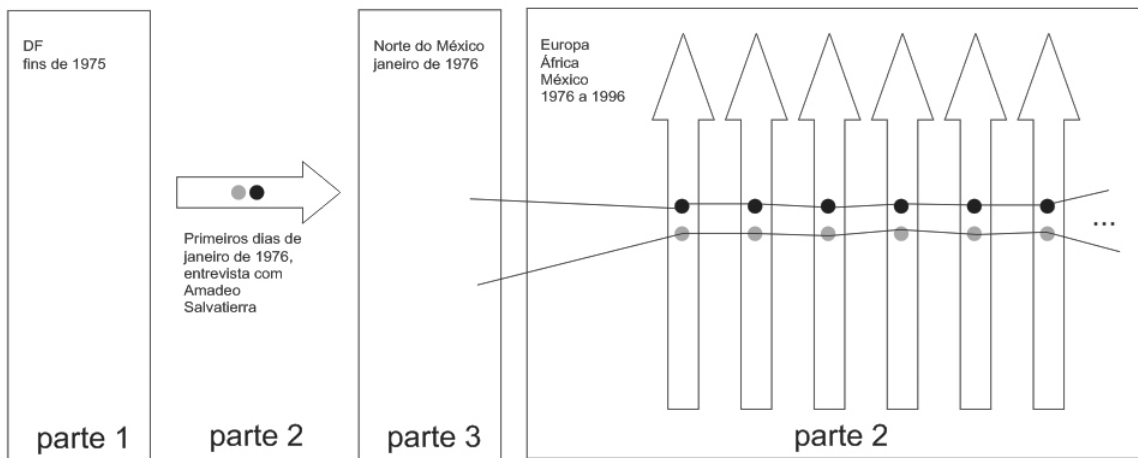
A história é simples: Arturo Belano e Ulises Lima (este espelhado no poeta Mario Santiago Papasquiaro, pelo que podemos depreender de fontes externas), os chefes do movimento real-viceralista, vivem uma juventude largada na Cidade do México, com drogas, pequenos assaltos, tráfico para financiar o vício e a vida em geral, pobreza espartana e promiscuidade sexual. Pressionados em parte por curiosidade e, em parte, por estarem sendo perseguidos por um homem violento, viajam ao norte do México, para tentar recuperar registros deixados pela fugidia poetisa modernista dos anos 1920, Cesárea Tinajero. Conseguem, são alcançados pelo tal homem, existe luta e assassinato e, em seguida, ambos desaparecem do México e passam a uma existência errante na Europa e África (esta para Belano) pelos 20 anos seguintes, o que é relatado por fragmentos de depoimentos dados por personagens secundários. Mas a quem? Não sei, talvez diretamente ao leitor, o terceiro detetive selvagem do título. Outra possibilidade é apontada pelo escritor boliviano Miguel Esquirol Ríos: Juan García Madero, o rapaz que escreve o diário que compõe as partes um e três do livro seria o repórter. Depois de se separar, em Sonora, de Belano e Lima, passa a empreender uma busca meio errática por eles. Bom, mas non vero.

Gostaria de entender a última página do livro, mas me falta sensibilidade.

No documentário "Bolaño cercano", disponível no Youtube, o autor cita Bioy-Casares e, especialmente, "A invenção de Morel", apenas para

dizer que, depois dessa novela não era mais possível escrever como se fazia até então, com um argumento sendo desenvolvido e segurando toda a narração. Era preciso haver "entrecruzamento de vozes".

ESTRUTURA

Cada seta é um depoimento que envolve os dois "detetives selvagens", Arturo Belano e Ulises Lima. Eles estão quase sempre de passagem nesses depoimentos, que contam na verdade episódios cujos centros podem ser eles mas, normalmente, são outros personagens.

CRONOLOGIA

Noturno do Chile

"Noturno" é sobre as últimas reflexões de um moribundo, um padre, ligado à Opus Dei, correto, quieto, alheio ao mundo político, poeta e crítico literário. Mas não se pode permanecer alheio em um Chile sob Pinochet. Ele, por acaso e com o maior constrangimento, é praticamente forçado a dar aulas de marxismo para Pinochet e a futura Junta. Morre de vergonha de o ter feito e, um dia, não resistindo ao peso, desabafa com um seu velho conhecido. Este espalha a história e o que acontece? Nada. Ninguém quer saber, todos têm medo, têm mais o que fazer, estão desesperados demais para olhar para outro lado.
Esse mesmo padre, Sebastián, frequenta a casa de uma pretensa escritora, esposa de um norteamericano consultor de uma empresa no Chile. Depois ele saberá que essa consultoria era tortura privada, feita aliás no subsolo da mesma casa onde aconteciam os saraus, inclusive podendo acontecer de ser nos mesmos dias. Um dia isso é descoberto, um dia a ditadura cai e...? Ninguém se recorda de ter frequentado a casa da escritora, ninguém diz nada. Claro que a casa é uma síntese do Chile, mas também de todo lugar, com ou sem democracia, onde a cultura se move sobre um mar de dor, sujeira e perversidade. No último momento, o padre reconhece que sua consciência o atormenta pela inação passada e não existe nada a fazer. Vê mentalmente as pessoas, os fatos e "depois se desencadeia a tormenta de merda". E isso porque, logo na primeira página, quando ele começa a refletir, afirma que "você tem a obrigação moral de ser responsável por seus atos e também por suas palavras, inclusive por

seus silêncios, sim, por seus silêncios, porque também os silêncios ascendem ao céu e Deus os ouve, e só Deus os compreende e julga, de modo que muito cuidado com os silêncios". Ele considera seus silêncios "imaculados", mas o livro inteiro é um reflexão sobre se o são realmente.

Amuleto

Uma narrativa delirante, em primeira pessoa, de uma uruguaia autoexilada no México, meio hippie, que vive de biscates na Universidade Autônoma do México (Unam), comendo e dormindo onde consegue. Trata-se de Auxílio Lacouture (que de fato existiu), famosa por um único episódio: quando o campus da Unam foi invadido pelo Exército, em setembro de 1968, ela ficou escondida no banheiro feminino de um dos edifícios por 13 dias, sem comer. Ao sair de lá, era "a resistente". Frequentava todas as rodinhas, especialmente de poetas e, sendo bem mais velha que eles (podemos supor que ela tivesse uns 40 anos em 1970 e eles na faixa de 18), recebia um respeito talvez um pouco piedoso, o que fazia com que ela pensasse ser a "mãe de todos os poetas jovens do México" (seu nome e sua disposição para ficar apenas sapeando e ajudando em coisas práticas já prenuncia o epíteto). A narrativa vai e vem no tempo, pois tudo o que ela conta, e que pode ter acontecido ou não, acaba convergindo para o ponto nodal do banheiro feminino e a tediosa percepção da Lua refletida nos azulejos, noite após noite. Mas, entre essas visões e sonhos e delírios, ela vê mais longe, especialmente quando se sente isolada sobre uma grande montanha gelada e vê no vale distante uma multidão em marcha desordenada, dirigindo-se para um abismo que está claro para ela apenas. Vão morrer e cantam, cantam guerra mas também desejo. São a juventude latinoamericana dos anos 1970. Seu canto é o amuleto de que fala o título. É nesse livro que se menciona o ano de 2666.

Una novelita lumpen

Trata-se da história de dois órfãos, menino e menina, na casa dos 17 anos, que, com amigos do menino, arquitetam um plano para ficar ricos. Um velho ator de cinema, Maciste, cego, paga por companhia. Os rapazes introduzirão a moça e ela, nos intervalos de suas lides sexuais, procurará pela casa o cofre forte do ator. Claro, como eles são pobres e ignorantes, acreditam que gente de cinema tenha de ser rica. Depois de algum tempo, ela se convence de que não existe cofre algum, expulsa os amigos do irmão, que se haviam aboletado em sua casa, e segue sua vida, agora adulta, experiente, ex-delinquente e absolutamente vazia e desesperançada.

Estrela Distante

De novo, o assunto é o Chile na época da transição entre Allende e Pinochet. Aqui, um elusivo tenente da Aeronáutica faz-se passar por pretendente a poeta e frequenta oficinas culturais subterrâneas sem importância. Seu projeto? Limpar o Chile da sujeira, liquidar a escumalha e, de quebra, criar uma nova poesia. É em torno desse personagem fantástico que Bolaño constrói uma série de relatos que, bem a seu jeito, e para mim de uma forma excepcional e misteriosa, viram uma narração coerente. Sei que grande parte dela, as conexões entre épocas, personagens e historietas, não está propriamente (ou explicitamente) escrita. Bolaño vai escrevendo como quem fala despretensiosamente e, no final, você constata que tem nas mãos uma grande história totalmente una.

El Tercer Reich

Escrito em 1989 e só publicado depois da morte do autor. Não sei se ganharia acabamentos, mas parece que não, pois é enxuto e autossuficiente. Um rapaz de 25 anos, totalmente nerd e campeão alemão do jogo de estratégia "O Terceiro Reich", vai passar férias na Costa Brava e lá tem um esgotamento nervoso e uma iniciação. Esta lhe é proporcionada por todos quase em volta, tentando ajudá-lo a sair do ponto morto juvenil que é sua aflição, coisa que ele percebe como conspiração e que o leva frequentemente ao delírio. A iniciação lhe é fornecida por um pobretão deformado (el Quemado) que vive na praia e tira seu sustento de alugar pedalinhos aos turistas. Aparentemente com ajuda de outros, este começa um "Terceiro Reich" com o protagonista e vence! O preço da vitória? Um cumprimento, um troféu? Não, sair do hotel pela madrugada e passar a noite encerrado no interior de uma fortaleza formada por pedalinhos, no pavor constante de ser estuprado ou morto. Mas nada acontece e ele, pela manhã, está livre para ir. Os últimos capítulos tratam em flashes de seu progressivo estranhamento com os jogos de guerra e com toda a comunidade que os pratica. Ainda não é o Bolaño de "Os detetives selvagens", embora isso seja privilégio de quem vê tudo em perspectiva. Tivesse eu lido este antes dos outros e o acharia excelente, com toques de Kafka (a servidão voluntária final do protagonista, indo sem resistência para a noite na praia que pode ser seu fim, morrer como "um cão") e de Borges (as transformações repentinas de lugares familiares em labirintos). Mas, como o li depois, acho que este é bom, mas ainda não é o "verdadeiro" Bolaño. Seja

como for, era excepcional.

A Pista de Gelo

Realmente, ele não erra, é sempre bom. Neste, três personagens envolvidos em uma trama que teve como consequência um assassinato apresentam ao leitor seus depoimentos. São vários capítulos, de forma que vamos montando a ação por meio de relatos não cronologicamente lineares e de pontos de vista diferentes. São os personagens: Remo Morán (mexicano, comerciante que se deu bem na Espanha), Gaspar Heredia (poeta chileno-mexicano errante, quase indigente, convidado por Morán para ser vigia de seu camping) e Enric Rosquelles (um burocrata da cidadezinha). Rosquelles, apaixonado por uma patinadora olímpica afastada da seleção espanhola, constrói para ela, com dinheiro público, uma pista de gelo em um velho casarão abandonado. O interessante é que são três narradores, os três se conhecem, mas não sabem de todas as partes das histórias que contam e, portanto, não são confiáveis. Emerge uma história inteligente e que mantém a curiosidade da trama puramente policial. A propósito, Heredia é outro nome de Arturo Belano, alterego do autor. Acho que o Borges teria gostado do Bolaño, pois via no policial um gênero que permitia muitas variações, da ação frenética até a inércia puramente intelectual, como a do detetive preso, Bustos Domecq, ou do misógino Nero Wolfe. E quase tudo o que li de Bolaño até agora tem como parte importante uma questão cuja investigação não foge aos deveres da polícia. No caso de "2666", por exemplo, temos a investigação intelectual e a quase perseguição física dos críticos literários que saem em busca de Beno von Archimboldi. Na cidade de Santa Teresa, a espinha dorsal de tudo é uma série de crus boletins de

ocorrência. Em "Os Detetives Selvagens" então, no título está o método dos personagens. Fica como uma sugestão/dúvida se "selvagens" não poderia ser traduzido, no caso de Bolaño e de seus personagens, por "viscerais".

La Literatura Nazi en América

É preciso dizer, como premissa crítica, que um conto ou é algo extremamente eficaz e direto ou parece uma ideia mal desenvolvida. "A próxima aldeia", de Kafka, é extremamente sucinto e eficiente. Alguns de Jorge Luís Borges são longos, mas cercam completamente uma ideia. Outros, a maioria, como estes de Bolaño, ficam no meio: dão, apesar de curtos, impressão de mais longos do que deveriam ser e, ainda assim, deixam no ar a sensação de que a ideia, mesmo que boa, não foi explorada como merecia ou, o que é pior, e também acontece neste livro, é explorada além da conta. As historietas curtas e simples não merecem resumo, já que são uma profusão de nomes próprios e nomes de livros que Bolaño faz propositadamente parecer uma antologia escolar, só que meio amalucada. São biografias e breves apreciações críticas de escritores com tendências racistas, antissemitas, pró-arianas, adeptos da "purificação pelo sangue" &c. São, enfim, nazistas, mas nem todos falam do ou glorificam diretamente o führer. Mas se por um lado é verdade que tais escritores imaginários são todos amadores medíocres, não precisaria ser o caso de também a antologia de biografias e críticas ser assim. Mas é. Os autores são amadores, mas o crítico também, pois não são artigos que examinem as obras ou que desenvolvam as biografias. São coleções de notas mais parecidas com crítica (ruim) de jornal. Talvez levar mais a sério os autores enfocados tivesse dado ao livro um caráter melhor. Mas não foi a escolha do autor. Está cheio de clichês e de fechos espirituosos para uma frase ou para uma lista (tipo daquelas coisas que o Woody Allen cansa de fazer, como falar que as coisas

importantes na vida são fazer o bem, ler filosofia e trocar as meias todos os dias). Chega uma altura na vida em que isso não só não faz rir, como milita contra o texto. Ficamos ali, olhando, perguntando se não teria o autor nada melhor que fazer, nenhum artifício um pouco mais difícil para nos apresentar. Além disso, existem clichês como, por exemplo "sentir falta de algo" ser expresso com "tenho saudade imensa", e assim por diante. De qualquer forma, é o primeiro livro de Bolaño, de 1996, que desencadearia uma série de publicações que culminaria com seu '2666', sete anos depois. Creio que não por acaso o melhor dos contos é o último, mais longo, "Carlos Ramírez Hoffman", sobre um psicopata, aviador, torturador pertencente a grupos paramilitares no Chile de Pinoceht e... poeta. A coisa seria desenvolvida perfeitamente, com Hoffman passando a Carlos Wieder, em "Estrela distante". Quero acrescentar a epígrafe do livro, tirada do autor guatemalteco Augusto Monterroso (1921-2003): "Quando o rio é lento e conta-se com uma boa bicicleta ou cavalo, é sim possível banhar-se duas (e até três, de acordo com as necessidades higiênicas de cada um) vezes no mesmo rio". Uma refutação a Heráclito, uma das figuras do panteão intelectual de Borges.

Monsieur Pain

Primeiro: deve um autor consagrado tirar da gaveta obras pré-consagração? Talvez não devesse, pois entre os comentados brevemente aqui este é de longe o mais precário. Mas, seja porque o autor é muito bom (ou viria a ser), seja porque salvamos tudo de quem gostamos, o fato é que o final muda completamente o caráter do livro. Lembra um pouco o "Se numa noite de inverno...", de Italo Calvino.
A história é simples: um homem está à morte em um hospital. Madame Reynaud, uma mulher jovem, viúva e sofisticada, conhecida da esposa do moribundo, resolve, como último recurso, promover um encontro entre o doente e um mesmerista, monsieur Pain. Este é um homem pobre, que vive de pensão do Estado, por ter tido seus pulmões quase destruídos por gás, durante a Primeira Guerra Mundial. Toda a ação se passa em Paris, em 1938. Enfim, ele vai ao hospital e, apesar do desprezo dos médicos, vê o paciente. Afirma que o caso é salvável e diz que voltará no dia seguinte. Só que, sem a anfitriã importante, sua entrada no hospital é impedida por uma enfermeira que sem mais chama um segurança, que o põe na calçada. Ele, a partir daí, passa a andar por uma Paris labiríntica, encontrando pessoas estranhas, ficando sem dormir, revendo velhos conhecidos de sua profissão, tudo sob um ar de culpa, por ter recebido um misterioso envelope com dois mil francos, com a condição de que não tratasse do paciente que afinal acabara visitando. Pesa também uma queda por madame Reynaud, 'será que ela finalmente percebeu o que sinto'? Mas quem teria dado o dinheiro? Quem teria interesse na morte daquele homem

que sua amiga tentava salvar? Esse desvario segue até que ele reencontra sua amiga, acompanhada de um novo namorado, que simplesmente olha para ele e lhe diz que o paciente morrera e mais nada. Ambos seguem andando, mal param para falar com o pobre senhor Pão.

A ação acaba aí e, apesar de curta, pouco mais de 150 páginas, chega a ser meio cansativa, insistindo talvez um pouco demais nos topos de sempre de Kafka a Borges. Mas vem a reviravolta: duas dezenas de páginas nas quais estão biografias sumárias dos envolvidos. É então que ficamos sabendo que Pain faz números circenses de adivinhação, que conheceu a sra. Reynaud durante uma dessas sessões, quando ela acabava de perder o primeiro marido, que seus mestres são igualmente pessoas dessa subcultura &c. Enfim, um homem sem qualquer preparo impressiona uma mulher bonita durante um espetáculo. Tempos depois, ela resolve, como broma macabra ou mesmo com boa intenção, indicar aquela figura exótica para um homem desenganado. Sabendo do capricho, gente dela própria ou amigos do moribundo tentam suborná-lo, para que não volte a incomodar. Como o personagem de Calvino, Pain não tem bem ideia do que está acontecendo, de o quanto ele é menor que os personagens que o cercam. Suas cavilações a respeito dos motivos dos outros, especialmente os da sra. Reynaud (por que ela não me telefona? Por que me deu o número errado?), são fruto apenas de sua completa desimportância. Creio que isso é o principal, a história geral e a revelação da posição de seu protagonista. Mas existem outros personagens fantásticos, talvez um pouco caricatos para o nível que Bolaño viria a desenvolver mais tarde. A novela é de 1981.

Monsieur Rivette é o mentor de Pain. Eis uma conversa entre eles:
"— O senhor sempre foi um mestre muito bondoso, monsieur Rivette.
— Não creia nisso. Simplesmente acontece que é um erro que um velho como eu se erija em juiz... Mas haverá juízes, Pierre, não duvide, juízes duros como rocha e para quem a palavra piedade carecerá de sentido. Às vezes, no estado entre o sono e a vigília [duermevela], sonho com eles, vejo-os atuar e decidir: recompõem as peças, são cruéis e se pautam por regras que para nós pertencem ao domínio do acaso. Em uma palavra, são horríveis e incompreensíveis. Claro que eu, nessa época, já não estarei por aqui."
Não é uma ideia maravilhosa a de que existem regras que para nós parecem acaso? Que são, ou podem ser, cruéis para nós, mas não se vistas de outra perspectiva, uma perspectiva desde já vedada a nós?
Mais uma coisa: parece escrito por Jorge Luís Borges.

FONTES

Roberto Bolaño - 2666, tradução de Eduardo Brandão, Companhia das Letras, 2010, 852 p.

Roberto Bolaño - Os detetives selvagens, tradução de Eduardo Brandão, Companhia das Letras, 2006, 622 p.

Roberto Bolaño - Noturno do Chile, tradução de Eduardo Brandão, Companhia das Letras, 2009, 1a reimpressão, 118 p.

Roberto Bolaño - Amuleto, tradução de Eduardo Brandão, Companhia das Letras, 2009, 1a reimpressão, 131 p.

Roberto Bolaño - Una novelita lumpen, Editora Anagrama, 2009, 151 p.

Roberto Bolaño - Estrela distante, tradução de Bernardo Ajzemberg, Companhia das Letras, 2009, 143 p.

Roberto Bolaño - El Tercer Reich, Anagrama, 2010 (original de 1989, inédito), 360 p.

Roberto Bolaño - A pista de gelo, tradução de Eduardo Brandão, Companhia das Letras, 2007, 197 p.

Roberto Bolaño - La literatura nazi en América, Seix Barral, 2008, 1a. ed. de 1996, 254 p

Roberto Bolaño - Monsieur Pain, Anagrama, 2010 (3a. ed.), 171 p.